

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# As Linhas de Vida como Instrumentos de Pesquisa Biográfica: Uma Experiência de Aplicação

Sara Nunes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12633>

Submetido em: 2025-07-14

Postado em: 2025-08-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## **Sara Nunes**

Sara Nunes é licenciada e mestre em Sociologia pelo Iscte-IUL. Ao longo do seu percurso académico aprofundou métodos de investigação quantitativos e qualitativos, tendo desenvolvido uma dissertação de mestrado sobre processos de formação e transformação das identidades femininas, uma pesquisa assente sobre o método biográfico e a análise de linhas de vida.

Iniciou o seu percurso na investigação em 2019, no CIES-Iscte, onde participou em vários projetos de investigação relacionados com a elaboração de estudos de diagnóstico, documentos estratégicos e modelos de avaliação de projetos/programas, nas áreas da Sociologia da Educação, Políticas Públicas e Intervenção Social.

Desde 2023, é assistente de investigação no CoLABOR, estando inserida na equipa DataLabor (Plataforma de Dados Estatísticos e Jurídicos), no âmbito do qual participa nos projetos INCA (financiado pela União Europeia) e ManaGender (financiado pela FCT), e no desenvolvimento da plataforma LxSTAT.

Os seus interesses de investigação incluem temáticas como as desigualdades de género, pobreza e exclusão social, metodologias mistas e multimétodo.

<https://orcid.org/0000-0002-2064-0609>

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL)

[Sara\\_Nunes@iscte-iul.pt](mailto:Sara_Nunes@iscte-iul.pt)

Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Proteção Social (CoLABOR)

[sara.nunes@colabor.pt](mailto:sara.nunes@colabor.pt)

Conflito de interesses: Nada a declarar.

## **As Linhas de Vida como Instrumentos de Pesquisa Biográfica: Uma Experiência de Aplicação**

**Resumo:** Este *working paper* tem como objetivo sintetizar o conjunto de técnicas de sistematização e análise de dados qualitativos diacrônicos e/ou longitudinais, aprofundando a técnica de construção de Linhas de Vida, com recurso à apresentação e descrição de uma experiência de aplicação. A partir de entrevistas biográficas conduzidas no âmbito de uma dissertação de mestrado em Sociologia, este *working paper* procurou demonstrar como as Linhas de Vida permitem sistematizar e visualizar sequências biográficas complexas, cruzando dimensões como trajetos residenciais, ocupacionais e conjugais. O texto contextualiza o Método Biográfico e suas vertentes (demográfica, histórica e antropológica), destacando o potencial das Linhas de Vida para integrar abordagens metodológicas mistas. São discutidas as etapas de construção das linhas, os desafios da sua operacionalização e os ganhos analíticos e comparativos que este tipo de instrumentos oferece. Apesar das limitações inferenciais, os resultados empíricos evidenciam a utilidade deste instrumento na investigação sociológica contemporânea, contribuindo para a visualização de padrões biográficos e a compreensão das interações entre agência individual e estrutura social.

**Palavras-Chave:** Metodologias Qualitativas; Técnicas de Pesquisa; Método Biográfico; Linhas de Vida; Cronograma de Vidas; Ciências Sociais.

### **Life Lines as Biographical Research Tools: An Experience of Application**

**Abstract:** This working paper aims to synthesize the set of techniques for systematizing and analyzing diachronic and/or longitudinal qualitative data, deepening the technique of constructing Life Lines, using the presentation and description of an experience of application. Based on biographical interviews conducted as part of a master's thesis in Sociology, this working paper sought to demonstrate how Life Lines make it possible to systematize and visualize complex biographical sequences, crossing dimensions such as residential, occupational and marital paths. The text contextualizes the Biographical Method and its strands (demographic, historical and anthropological), highlighting the potential of Life Lines to integrate mixed methodological approaches. It discusses the stages involved in constructing the lines, the challenges of making them operational and the analytical and comparative gains that this type of instrument offers. Despite the inferential limitations, the empirical results show the usefulness of this instrument in contemporary sociological research, contributing to the visualization of biographical patterns and the understanding of the interactions between individual agency and social structure.

**Keywords:** Qualitative Methodologies; Research Techniques; Biographical Method; Life Lines; Life Chronogram; Social Sciences.

## Introdução

As metodologias qualitativas têm reconhecido nos estudos biográficos e longitudinais um campo de diversidade e “desinibição metodológica” (Mills, 1959 [2000]: 50). Nas últimas décadas, os crescentes avanços tecnológicos têm confluído para o surgimento e afirmação de *softwares* e técnicas de análise qualitativos, que permitem potenciar a sistematização de informação proveniente de extensos conjuntos de entrevistas e analisar grandes painéis de informação diacrónica de tipo qualitativo (Bryman, 2012).

A relevância deste tipo de análises para a compreensão das realidades sociais e identificação de mudanças sociais estruturais, tem vindo a ser consolidada pela comunidade académica e reconhecida pelos planeadores e decisores políticos. Em parte, devido ao processo epistemológico de desconstrução da eterna divisão entre metodologias qualitativa e metodologias quantitativas (Bryman, 2012), mas também devido ao constante desenvolvimento tecnológico que veio facilitar o tratamento de grandes conjuntos de informação qualitativa (Eichestter, 2018).

Este *working paper* tem como objetivo sintetizar o conjunto de técnicas de sistematização e análise de dados qualitativos diacrónicos e/ou longitudinais, património das Ciências Sociais, aprofundando a técnica de construção de Linhas de Vida, com recurso à apresentação e descrição de uma experiência de aplicação (Nunes, 2024). A exploração desta técnica mista – que permite sistematizar e tornar quantificáveis dados de natureza qualitativa - facilita a tarefa sociológica de encontrar regularidades descritivas, preparando terreno para a compreensão de uma determinada realidade social complexa ao longo do tempo.

A estrutura deste *working paper* está organizada em quatro partes. No primeiro ponto, começamos por enquadrar o campo das metodologias qualitativas, em particular as de carácter biográfico e as suas diferentes aplicações pelas Ciências Sociais. No segundo ponto, centramo-nos sobre a apresentação e discussão de dois instrumentos mistos, típicos do método biográfico – os Calendários de Vida e as Linhas de Vida –, exemplificando diferentes tipos de utilização. No terceiro ponto, expomos o contexto de aplicação empírica da técnica de Linhas de Vida, descrevendo o processo abductivo da sua construção no âmbito do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado. Por fim, no quarto ponto, apresentamos alguns resultados, à luz dos quais procuramos refletir sobre as potencialidades e desafios que se impõem à aplicação da técnica de Linhas de Vida.

## **1. Traçar a Linha de Vida da Pesquisa Biográfica**

Compreender os instrumentos de análise biográfica e longitudinal exige, primeiramente, reconhecer a abrangência e flexibilidade deste paradigma teórico-metodológico. Para tal é necessário um esforço contínuo de sistematização de métodos, técnicas e instrumentos que compõem o patrimônio metodológico da pesquisa biográfica.

Do ponto de vista sociológico, o Método Biográfico foi recebido com ceticismo pela comunidade acadêmica. Associado a metodologias qualitativas, especialmente aplicadas pela corrente teórica do Interacionismo Simbólico e ao desenvolvimento da Escola de Chicago (Fontes, 2019), esta abordagem enfrentou críticas quanto à fiabilidade e objetividade na representação da realidade social, relacionadas com o risco de Ilusão Biográfica (Bourdieu, 1986). Neste contexto, marcado pelo período de transição para a Modernidade, a visão quantitativista da Sociologia era predominante, orientada por princípios de representatividade e generalização. A aplicação do Método Biográfico tornava-se marginal, sendo frequentemente confundida com abordagens de outros campos do saber como a História ou a Antropologia.

Na segunda metade do século XX, a Sociologia Pós-Moderna e a emergência das abordagens multimétodo, introduziram novas metodologias para lidar com os desafios inicialmente colocados às análises qualitativas. Este processo levou à valorização do Método Biográfico, demonstrando que os métodos são, também, “produto do seu tempo e espaço” (MacLeod & Thomson, 2009, em Nico, 2012: 5). Este “*turn to biographical methods*” (Chamberlayne et al., 2000, in Bryman, 2012: 490) foi favorecido pelo avanço das tecnologias de análise qualitativa e pelas preocupações teóricas focadas na Agência, que procuravam dar voz às minorias e grupos marginalizados (Denzin & Lincoln, 1998, em Nico, 2012).

Desde então, o Método Biográfico passou a integrar um léxico diversificado de técnicas e abordagens, ganhando flexibilidade e estimulando a criatividade metodológica, rompendo com a dicotomia entre métodos qualitativos e quantitativos ao valorizar descrições longitudinais dos processos sociais. Essa perspectiva conciliadora bebeu das abordagens assumidas por diferentes áreas do saber, como a Demografia Histórica, com a análise dos Ciclos de Vida; a História Social, com uma leitura qualitativa dos fenômenos sociais (Elder, & Crosnoe, 2003); e os estudos etnográficos e etnosociológicos da Antropologia Social.

### ***A Vertente de Pesquisa Demográfica***

Na vertente de pesquisa demográfica, desenvolveram-se os princípios da crítica à dicotomia metodológica nas Ciências Sociais, com a criação de instrumentos e desenvolvimento de análises focados na descrição de modelos não causais, preocupados com a compreensão dos processos de construção social dos factos, dos quais são exemplo as *Event History Analysis (EHA)* e as *Sequence Analysis (SA)*.

Enquanto as *EHA* são assentes sobre a análise sistemática de narrativas ou relatos sobre a vida, com enfoques temáticos ou holísticos na análise de conteúdos, mais associados à descrição completa das vidas vividas; as *SA* ocupam-se da análise individual dos relatos da vidas vividas e com a sequência biográfica dos eventos que as marcaram, igualmente assentes sobre uma análise de conteúdo holística, mas com maior enfoque na dimensão temporal, envolvendo entrevistas de *follow-up* ao longo do tempo e não apenas em determinado momento (Abbott, 1995).

Pode dizer-se que esta vertente da pesquisa biográfica é aquela que abre maiores possibilidades à operacionalização de metodologias de pesquisa mistas<sup>1</sup>, tendo em conta a sua preocupação com a descrição de grandes agregados ao longo do tempo, facilitadas pelo desenvolvimento de instrumentos de análise – como as *EHA* e as *SA* – que podem derivar, tanto de dados qualitativos, como de dados quantitativos. No entanto, é relevante aprofundar em que medida este tipo de instrumento pode ser considerado um instrumento típico de metodologias mistas, como sugerido por alguns autores (Nico, 2012), pois a sua aplicação não é clara no que respeita à utilização combinada de ferramentas de análise qualitativas e quantitativas.

### ***A Vertente de Pesquisa Histórica***

A vertente de pesquisa histórica é uma das mais influentes na consolidação da abordagem biográfica na Sociologia, centrando-se nas Histórias de Vida como técnica essencial de recolha qualitativa. Estas são definidas como a síntese de um conjunto de entrevistas acerca dos acontecimentos vividos pelo/a entrevistado/a, as suas avaliações pessoais desses acontecimentos e materiais complementares (como fotografia, imagens, etc.) que permitem ao investigador obter uma visão global da vida das pessoas (Gutiérrez-García et

---

<sup>1</sup> Importa notar a diferença entre metodologias multimétodo e metodologias mistas. As primeiras dizem respeito a pesquisas que articulam diferentes métodos de pesquisa, frequentemente qualitativos e quantitativos, por exemplo, a aplicação de um inquérito por questionário numa fase primária da pesquisa e a realização de entrevistas *focus groups* numa fase posterior. Já as segundas dizem respeito à combinação entre métodos qualitativos e quantitativos numa mesma técnica de pesquisa, como é o caso dos Calendários de Vida ou Linhas de Vida, como veremos adiante.

al., 2021). Tratam-se, assim, de instrumentos que visam compreender a experiência interior dos indivíduos e a sua relação com os acontecimentos e as fases de mudança ao longo da vida (Bryman, 2012), conjugando “o enquadramento próximo, nacional e global; mobilizando o passado individual, as origens, as heranças simbólicas e de valores; e recorrendo igualmente aos contemporâneos, aos outros significativos, aos pares” (Caetano et al., 2023: 9). A entrevista assume aqui o papel central de mediação e construção narrativa, permitindo uma análise da “singularidade (...) no contexto de dinâmicas estruturais mais vastas” (Caetano, 2016: 46).

O autor K. Plummer (2001) propõe três tipos de Histórias de Vida: (i) *Naturalistic Life Stories*, espontâneas e autorreferenciais; (ii) *Researched Life Stories*, recolhidas com fins científicos; e (iii) *Reflexive and Recursive Life Stories*, que reconhecem que o ato de contar uma história de vida é moldado pela interação entre o entrevistador e o entrevistado. No entanto, essa terceira categoria parece decorrer diretamente da segunda, o que levanta questões sobre a clareza dos limites que a balizam (Bryman, 2012).

Numa abordagem paralela R. L. Miller (2000) distingue *Life History* (relato individual) de *Life Story* (relato articulado com fontes externas) e destaca a importância dos efeitos do curso de vida, ligados ao envelhecimento e às características padronizadas associadas às fases do curso de vida, bem como os efeitos de coorte, associados a experiências geracionais. Neste plano as Histórias de Vida inserem-se num quadro mais amplo, cruzando-se com outras noções como Curso de Vida e Percurso de Vida. Para algumas autoras, o Curso de Vida constitui um “paradigma teórico controverso” (Nico, 2011: 22), muitas vezes utilizado indistintamente em estudos sobre mudança social (Nilsen, 2014). Já o Percurso de Vida implica “a reconstrução do percurso biográfico individual através da combinação de relatos factuais, interpretações pessoais e configurações estruturais, sem perder de vista o efeito de processos de mediação do discurso” (Caetano, 2016: 47). Assim, o conceito de Curso de Vida (*Life Course*), de raiz americana, é mais flexível e aberto à agência individual; enquanto o Percurso (*Parcours de Vie*), de matriz francesa, pressupõe trajetos mais normativos (Bernardi, Huinink & Settersten, 2019).

Estas noções articulam-se, ainda, com outras, como é caso do conceito de Trajetos, entendidos como “um conjunto de discretas etapas sequenciais, definidas de acordo com a idade”; Trajetórias, que incorporam “interpretação e posicionamento relativamente a certas fases da vida”; ou Transições, que representam “a passagem de uma condição a

outra, em termos de fase de vida, desempenho de papéis sociais ou mudança de estatuto social” (Nilsen, 1998: 59).

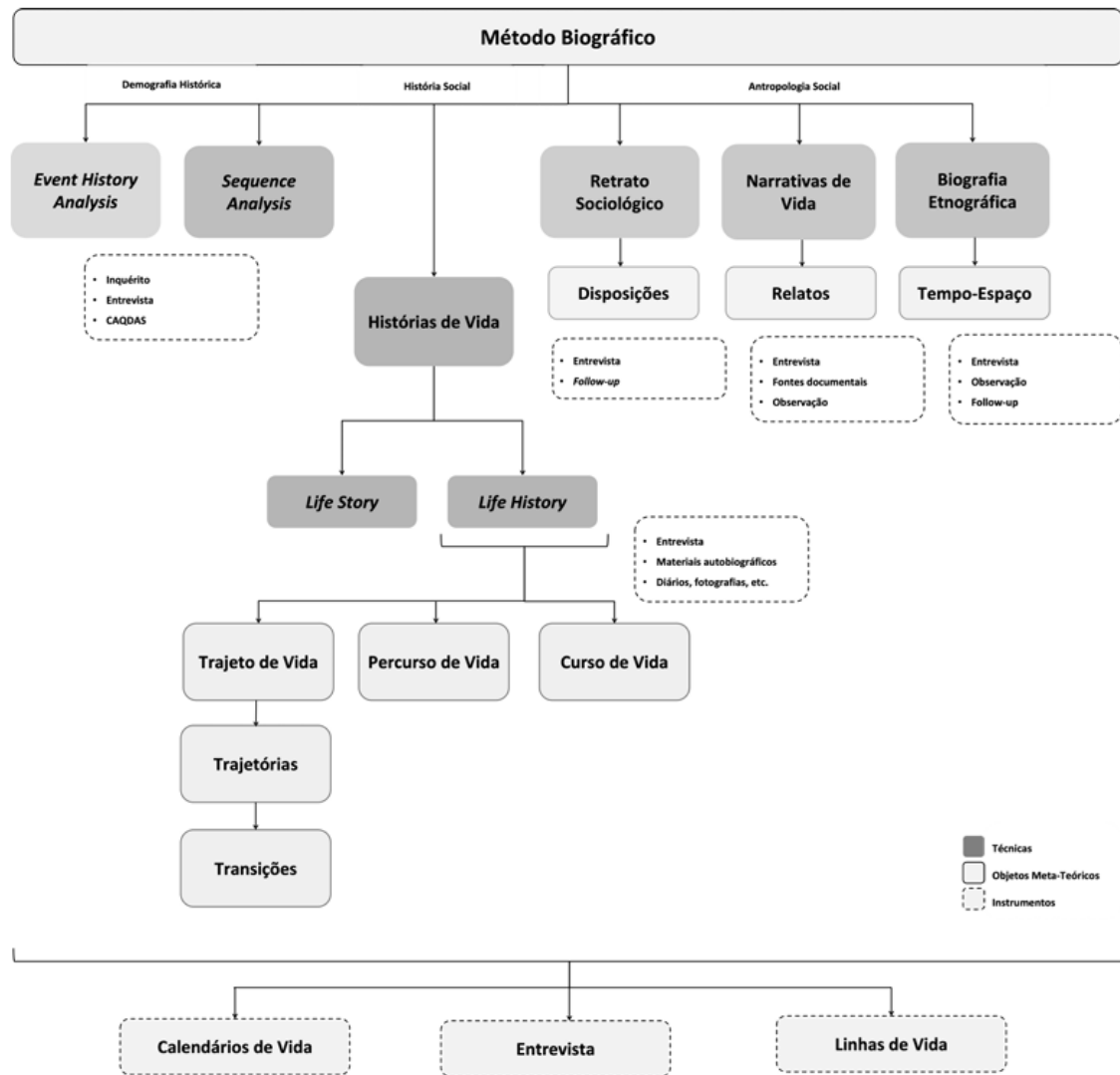
### ***A Vertente de Pesquisa Antropológica***

A vertente de pesquisa antropológica introduz conceitos como o de Retratos Sociológicos, oriundo da proposta de B. Lahire, que rejeita o conceito de Habitus e propõe, em seu lugar, a análise de disposições individuais, operacionalizadas sob forma de retratos. Como sintetizam Gomes et al. (2014: 9), “o Retrato Sociológico pode então ser considerado como um dispositivo técnico ao serviço de uma teoria da prática assente na gênese plural e contextual das disposições”. Nesse sentido, o retrato torna-se uma abordagem metodológica qualitativa, “utilizada de forma experimental (...) ou aplicada” (idem), cujo objetivo é compreender se certas disposições “são ou não transferíveis de uma situação para outra” (Lahire, 2002: 32). Do ponto de vista prático, o Retrato Sociológico experimental implica a análise aprofundada de uma unidade (indivíduo ou família) através de entrevistas biográficas, com o objetivo de captar “práticas, comportamento, maneiras de ver, sentir, agir” em diferentes contextos (idem), incluindo aspetos “que não entram no campo de consciência e de interesse” do entrevistado (Lahire, 2004: 314 em Junior e Massi, 2015: 565).

Outro conceito relevante é o de Narrativas de Vida, proposto por Daniel Bertaux. Ao contrário das Histórias de Vida, a narrativa enfatiza o relato individual e subjetivo da experiência vivida, sendo “longitudinal e reflexiva” (Bryman, 2012: 491), próxima da história oral, mas com um enfoque na construção de sentido. A análise narrativa pergunta “como as pessoas dão sentido ao que aconteceu e com que efeitos” (idem: 582), sendo influenciada pela “Imaginação Sociológica” do investigador (Bertaux, 2021: 2).

Neste campo, existe ainda um outro conceito emergente, o das Biografias Etnográficas (Tabib-Calif e Lomsky-Feder, 2021), que surgem como proposta conciliadora de entrevistas biográficas, observações sociais e acompanhamento prolongado, adaptando-se a sujeitos em mobilidade espacial. Essas entrevistas, tipicamente realizadas até em formato digital, permitem maior proximidade aos contextos naturais dos entrevistados, tratando-se de uma abordagem comparativa sensível às discontinuidades temporais e espaciais, próxima dos retratos sociológicos, mas com ênfase etnográfica.

**Figura 1: Visão Sistemática do Método Biográfico.**



Fonte: Construção própria (Nunes, 2024: 87).

## 2. Calendários e Linhas de Vida: Dois Instrumento da Pesquisa Biográfica

Apesar da técnica de entrevista assumir uma posição central na operacionalização do Método Biográfico, este *working paper* procura ir além desta técnica, focando-se nos instrumentos adjacentes que permitem facilitar a sistematização e análise dos dados qualitativos apurados, designadamente os Calendários de Vida e as Linhas de Vida.

Ambas estas ferramentas da pesquisa biográfica são uma extensão da aplicação da técnica de entrevista, na medida em que assentam sobre os conteúdos por esta apurados, mas para além do ser objetivo ser comum - melhorar a sua compreensão do significado

dos pontos de viragem na vida de um indivíduo (Bryman, 2012) –, do ponto de vista substantivo, o seu formato é distinto.

Os Calendários de Vida “[podem apresentar] algumas variações consoante os estudos, mas a sua base é relativamente constante e transversal” (Nico, 2012: 8) - um conjunto de colunas, cada uma correspondente a uma dimensão de análise biográfica (escolar, profissional, conjugal, parental, etc.) que podem ser complementadas por dimensões de análise mais específicas (dirigidas à análise de uma dimensão específica do estudo), todas elas orientadas por uma primeira coluna correspondente à dimensão temporal, onde deve constar o ano civil e a idade do entrevistado (idem: 8 - 9). A estrutura do Calendário de Vida deve ser formulada pelo investigador, previamente à aplicação da entrevista, e deve ser preenchida em conjunto pelo entrevistador e entrevistado, permitindo identificar momentos-chave (históricos ou individuais) e melhorar a relação entre entrevistado/a e entrevistador/a, dessa forma contribuindo para um “entendimento holístico do fenómeno ao promover a interdependência dos relatos acerca dos vários eventos”, bem como regressar a eventos relatados durante o curso da entrevista (Parry, Thomson e Fowkes, 1999 em Nico, 2012: 10) ou mesmo após a sua conclusão. Do ponto de vista analítico, os Calendários de vida possibilitam uma multiplicidade de análises. Por um lado, a acumulação das experiências, numa lógica mais próxima das Histórias de Vida e das suas preocupações com a vertente longitudinal – do Cursos de Vida, dos Trajetos e Trajetórias – das pesquisas biográficas. Por outro lado, a interpretação dessas mesmas experiências de vida numa lógica mais próxima da Narrativa de Vida preocupada com a componente do relato das situações vividas. Em ambos os casos, os dados obtidos podem ser trabalhados através de quatro tipos distintos, mas complementares, de análise biográfica - duas centradas no conteúdo, uma de carácter holístico e outra temática; e duas focadas na forma do discurso; uma, também, holística e outra baseada em categorias (Cohler e Hostetler, 2002: 560 em Nico, 2012).

**Figura 2: Exemplo de calendário de vida.**

Ano/idade	Escolaridade		Emprego		Sair de casa		Namoro		Coabitação		Casamento		Filhos	Outros
	Início ou regresso	Fim ou intervalo	Início	Fim	Saída ou mudança	Regres-so	Início	Fim	Início	Fim	Início	Separação ou divórcio	Nascimento	
80 / ...														
81 / ...														
... / ...														
08 / ...														
09 / ...														

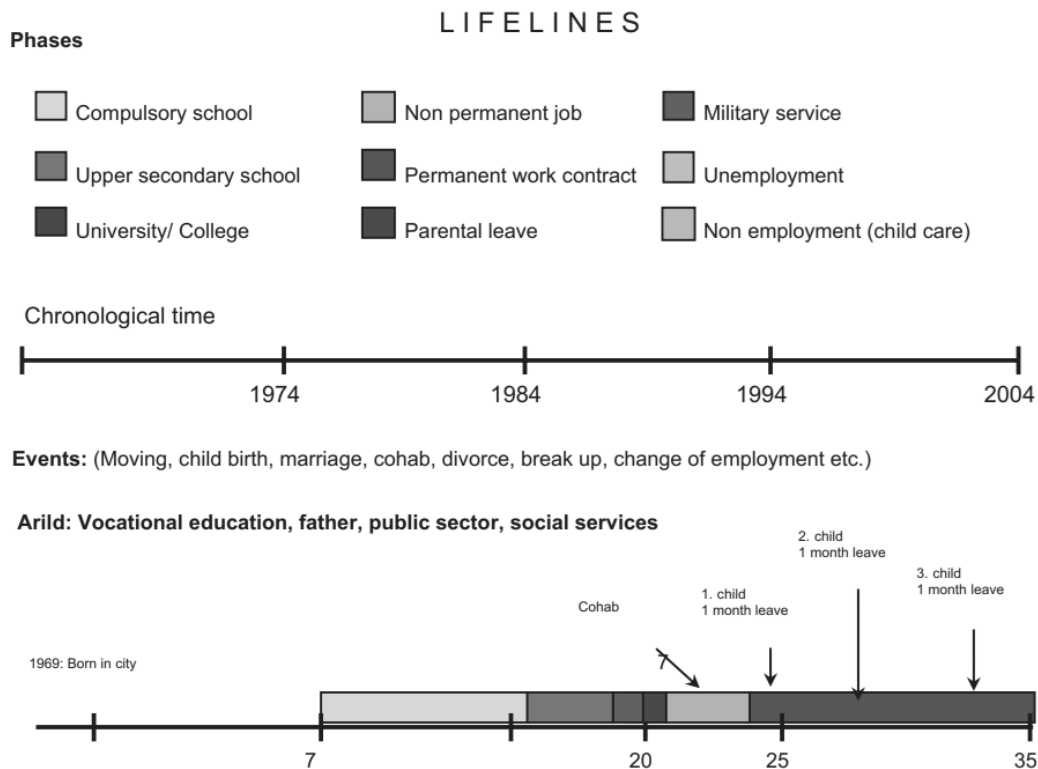
**Fonte:** Retirado de Nico (2011: 218).

As Linhas de Vida são representações visuais da cronologia dos acontecimentos da vida que podem incluir avaliações sobre os mesmos (Gramling & Carr, 2004 in Gutiérrez-García,

Solano-Ruíz, Siles-González e Perpiñá-Galvañ, 2021). Trata-se, assim, de uma linha cronológica que inicia com o ano de nascimento do indivíduo entrevistado e termina no ano da pesquisa, com referência à idade do sujeito nesse momento. Ao longo da linha são demarcadas as principais fases da vida da pessoa, à semelhança das dimensões definidas nos Calendários de Vida – escolar, profissional, conjugal, etc. – neste caso, com a particularidade de se ter a referência visual do intervalo de anos em que o indivíduo esteve nessa fase de vida. Dentro de cada fase de vida são, então, assinalados cronologicamente os eventos que marcaram a sua biografia, numa tarefa realizada em conjunto ao longo da interação entre entrevistado/a e entrevistador/a, desde o traçar da linha cronológica à finalização com os eventos específicos que marcam a biografia do/a entrevistado.

Esta forma de representação gráfica das sequências biográficas individuais permite visualizar objetivamente o momento, a sequência e a duração das principais fases e acontecimentos do ciclo de vida (Nilsen, Brannen and Lewis, 2013), fazendo com que este instrumento de análise reúna um conjunto de informações mais aprofundado e de leitura mais intuitiva do que os Calendário de Vida. Do ponto de vista da comparação das Linhas de Vida, estas são também um instrumento particularmente intuitivo e proveitoso na identificação de padrões de linearidade e não linearidade nas trajetórias individuais em várias dimensões (educação e emprego, diferenças por gênero e classe social, etc.) (idem) vantagem à qual acresce a possibilidade de incluir na cronologia um paralelismo com eventos históricos estruturais para a vida do entrevistado (Siles- González, 2006 em Gramling & Carr, 2004 in Gutiérrez-García, Solano-Ruíz, Siles-González e Perpiñá-Galvañ, 2021).

**Figura 3: Exemplo de linha de vida.**



**Fonte:** Retirado de Nilsen (2023:157).

Tanto os Calendários como as Linhas de Vida são instrumentos complementares à entrevista biográfica, com objetivos semelhantes e baseados na interação entre entrevistador e entrevistado, refletindo uma lógica participativa. Diferem, porém, no formato e nos resultados. Enquanto os Calendários permitem reunir informação biográfica mais detalhada e sistematizar essa informação para efeitos de análise exploratória ou entrevistas de *follow-up*; as Linhas de Vida, cumprindo essas mesmas funções de forma sistematizada, têm a vantagem de possibilitar a visualização de informação biográfica e histórica em simultâneo, sem necessidade de tratamento posterior à sua construção.

### 3. Linhas de Vida: Uma Experiência de Aplicação

A adequabilidade das metodologias que temos vindo a discutir, bem como a curiosidade sociológica, moveram-nos numa experiência de aplicação da técnica de Linhas de Vida para operacionalização de uma dissertação de mestrado sobre os processos de formação e transformação das identidades femininas (Nunes, 2024).

Nesse contexto, foram conduzidas entrevistas biográficas com nove mulheres de diferentes idades (entre os 20 e os 80 anos), nas quais foi abordado um conjunto de tópicos-chave, típicos deste tipo de entrevista, cobrindo períodos e temas como a infâncias e a família de origem; educação; emprego e trabalho; vida amorosa; eventos e

períodos históricos; reforma; visões de futuro; entre outros (Atkinson, 1998). Com base nestas entrevistas, foram construídas as respectivas Linhas de Vida, uma opção que se justificou, no quadro da pesquisa de mestrado realizada, devido à facilidade de gestão de um vasto conjunto de informação recolhida, mas também devido à sua pertinência na fase de análise das entrevistas individuais, visto que, analisadas no seu conjunto, um grupo de linhas pode fornecer retratos instantâneos das trajetórias dos indivíduos em relação à coorte de nascimento e a aspetos estruturais de um período histórico específico, bem como indicar aspetos específicos de género e classe dos tipos de trajetórias (Nilsen, 2023).

No entanto, o facto de este não ser um instrumento de análise frequente nos trabalhos sociológicos qualitativos e, inclusive, biográficos (iminentemente focados em formas tradicionais de análise de conteúdo, através de grelhas de análise ou, mais recentemente, de *outputs* provenientes de CAQDAs<sup>2</sup>) impôs um conjunto de desafios *à priori*, relacionados com o processo de operacionalização e construção das Linhas de Vida reforçando o carácter iminentemente abductivo (Glaser & Strauss, 1967) desse processo, como apontado por alguns autores (Bjerén e Elgqvist-Saltzman, 1994; Nilsen e Brannen, 2009; Nilsen, 2023), por forma a apurar todos os pormenores técnicos confluentes para a sua construção.

### ***Um Processo de Construção Abductivo***

As Linhas de Vida desenhadas decorreram, numa primeira fase, do objetivo de sintetização da informação recolhida através da aplicação de entrevistas biográficas, posteriormente transcritas e analisadas com recurso ao *software* de análise de conteúdo MaxQDA. Essa análise seguiu uma estratégia de análise de conteúdo tradicional – temática (Poirier e Valladon, 1983) ou categorial (Bardin, 2011) – identificando os temas centrais da entrevista a analisar em profundidade com recurso à identificação e à contagem de categorias e subcategorias.

Paralelamente, procurou-se identificar os elementos essenciais para a construção das Linhas de Vida recorrendo à análise dos fatores comuns nos trabalhos de diferentes autores, utilizadores deste instrumento de análise (Bjerén e Elgqvist-Saltzman, 1994; Nilsen e Brannen, 2009; Nilsen, 2023), bem como nos trabalhos produzidos por autores utilizadores de outras ferramentas de sistematização de informação semelhantes, como os calendários de vida (Nico, 2011 e Nico, 2012), procurando distingui-los entre si. Através

---

<sup>2</sup> *Computer-assisted qualitative data analysis software.*

desta comparação foi possível identificar quatro elementos comuns na construção de linhas de vida – i) escala do tempo biográfico; ii) escala do tempo cronológico; iii) fases; e iv) eventos. No caso dos Calendários de Vida, apesar da incorporação de elementos relativos à equivalência de escalas temporais biográficas e cronológicas, verificou-se uma distinção pouco clara entre as fases e eventos inscritos nas biografias, não obstante a categorização temática dessas situações dificilmente distinguíveis. Nesse sentido, pareceu-nos importante incorporar nesta experiência de construção, não só a distinção entre fases e eventos sugerida pelas Linhas de Vida, bem como a categorização temática – dos tipos de fases e eventos – oferecida pelos Calendários de Vida. A combinação entre escalas, fases, eventos e respetivos tipos revelou-se uma forma interessante de sistematizar e organizar a informação recolhida, facilitando a análise e ao mesmo tempo potenciando a compreensão da duração de determinadas fases da vida e dos eventos que as iniciam, premeiam e encerram.

A distinção objetiva entre fase e eventos, pouco clara nas aplicações de Linhas de Vida estudadas (Bjerén e Elgqvist-Saltzman, 1994; Nilsen e Brannen, 2009; Nilsen, 2023), revelou-se um outro desafio. Ainda assim, o fator diferenciador entre fases de vida e eventos na vida é o da temporalidade, pois cada um desses conceitos exprime uma noção de tempo, período ou momento. Enquanto o significado etimológico de “Fase” indica um período delimitado no tempo – com início, meio e fim - indicativo de um intervalo de tempo específico; o de “Evento” corresponde a um acontecimento, uma ocasião, um momento esporádico, de curta duração no tempo<sup>3</sup>.

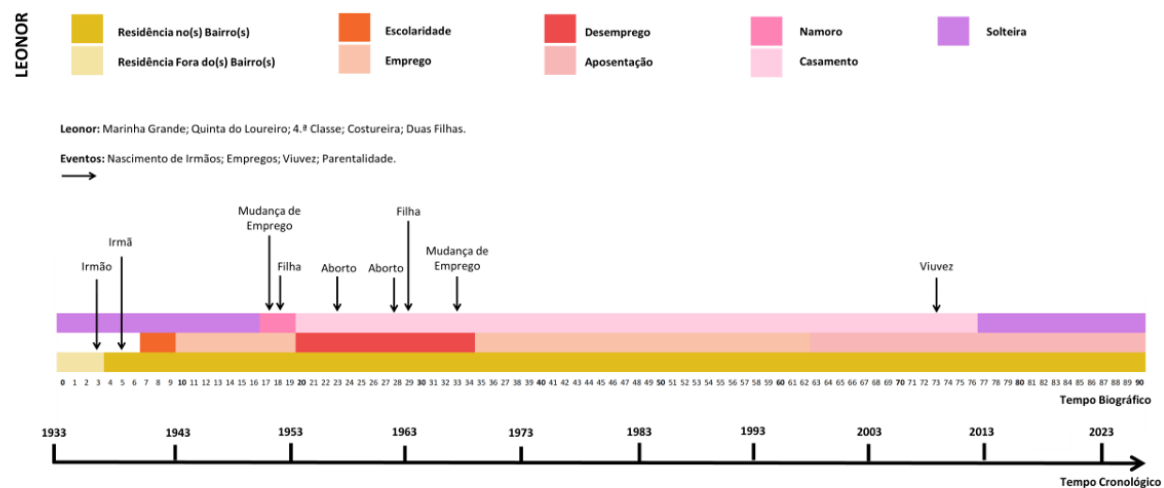
Do ponto de vista gráfico, as Linhas de Vida desenhadas são compostas por duas escalas – a do tempo biográfico – com correspondência – à escalada do tempo cronológico – que acompanham toda a linha de vida traçada desde o início e até ao momento de referência para construção da linha – na escala biográfica, a linha de vida inicia nos zero anos, terminando na idade mais recente do indivíduo; e na escala cronológica, a linha começa no ano civil correspondente ao ano de nascimento e termina no ano civil de referência para construção da mesma. A linha é depois preenchida pelas fases da vida e eventos que se pretende observar. Neste caso foram tidas em conta, de acordo com a análise temática das entrevistas, três dimensões distintas, mas justapostas – Trajetos Residenciais; Trajetos

---

<sup>3</sup> “fase”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/fase>; “evento”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008- 2024, <https://dicionario.priberam.org/evento>; “momento”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/momento>.

Ocupacionais; e Trajetos Conjugais – às quais foram atribuídas cores diferentes (figura 4). Por forma a ultrapassar a justaposição de fases de vida em diferentes dimensões na mesma escala biográfica, optou-se por incluir no desenho de cada linha de vida uma camada correspondente a cada dimensão. Tal ajuste permitiu sistematizar, ainda mais, a informação, potenciando a comparação entre a sobreposição de diferentes fases da vida em diferentes dimensões. Em cada uma dessas camadas, existem fases da vida em branco, representativas da não abrangência das fases de vida consideradas nessa dimensão. Para além da identificação das fases, com blocos de cores correspondentes a diferentes dimensões, nas linhas de vida são também identificados os eventos, isto é, um conjunto de elementos mais subjetivos nas vidas retratadas. Numa primeira instância, os eventos foram representados nas linhas de vida com setas seguidas de uma legenda, como proposto pelas autoras A. Nilsen, J. Brannen e S. Lewis (2013).

**Figura 4: Exemplar das linhas de vida construídas.**



**Fonte:** Construção própria (Nunes, 2024: 162).

### **Comparação de Linhas através do Cronograma de Vidas**

A pretensão de comparar as nove linhas traçadas, de modo a visualizar de forma justaposta as semelhanças e disparidades entre as fases, eventos e trajetos individuais, levou a que se optasse por uma “*typical application of SA in the early days*” (Liao et al., 2022: 2) através da codificação das histórias de vida como sequências, para medição de dissimilaridades de pares entre sequências e alguma forma de redução de dados. Neste âmbito, optou-se por inscrever os eventos diretamente nas linhas de vida, através de símbolos e caracteres legendados.

A figura que se apresenta adiante (figura 5) constitui, assim, a adaptação de uma SA que ilustra as histórias de vida traçadas, sugerindo uma análise comparada das mesmas que, à semelhança da análise conduzida nos Calendários de Vida (Nico, 2011), procura não só ler as linhas de vida individuais, mas também, observá-las em oposição umas às outras, pois a agregação de Linhas de Vida para grupos que partilham características relevantes evoca uma representação visual de padrões que “*tells more than a thousand works*” (Bjerén, 1994: 23).

Apesar da limitação de as suas diferentes dimensões, correspondentes às diferentes idades e anos de nascimento distintos das entrevistadas, fazer com que existam linhas de vida tenham diferentes comprimentos (mais longas no caso das entrevistadas mais idosas e mais curtas no caso das entrevistadas mais jovens), foi possível constatar alguns padrões no que respeita a algumas fases e eventos, inseridos em trajetos específicos.

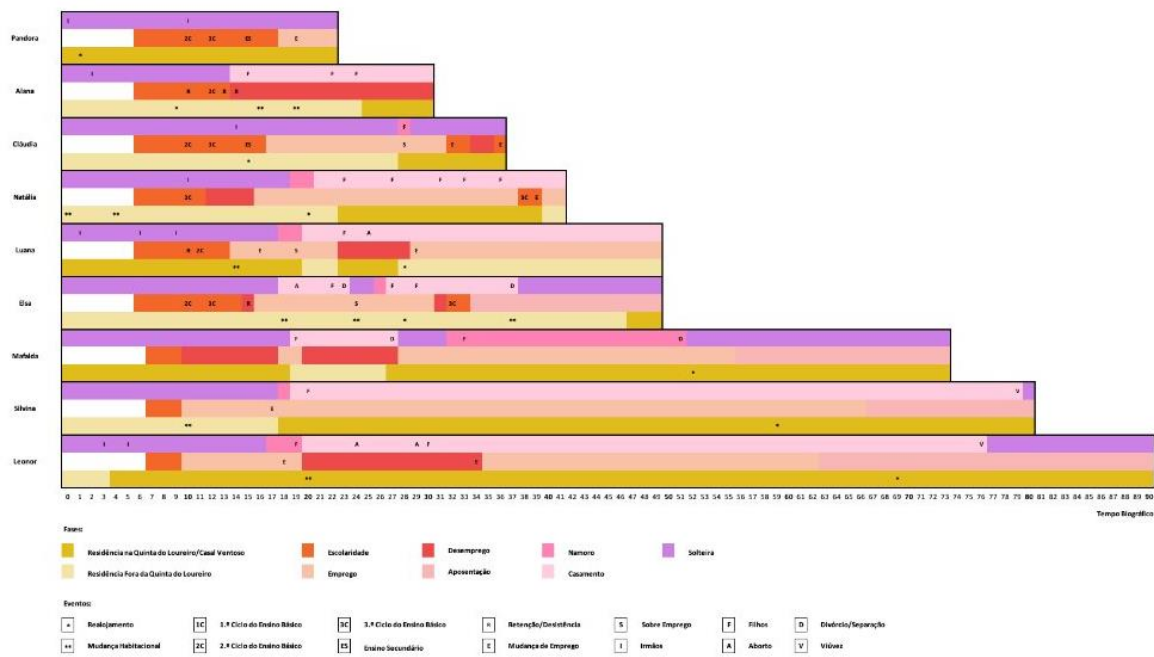
Os trajetos são representativos da “passagem de uma condição a outra, em termos de fase de vida, desempenho de papéis sociais ou mudança de estatuto social” (Elder, 1985 e Hughes, 1971 em Caetano, 2018: 94) e, embora não devam ser entendidos de forma direta ou linear, constituem um modo possível de associação entre fenómenos, frequentemente expectáveis e enquadradas institucionalmente (*idem*). As diferentes configurações assumidas pelos trajetos das vidas individuais traduzem, assim, processos de formação e transformação identitários na medida em que ilustram o processo encadeado de “afastamento de um papel fulcral para a constituição identitária e simultânea construção de uma identidade associada a um novo papel que tem em conta o anterior” – num fenómeno designado por *Role Exit* (Ebaugh, 1988 em Caetano, 2018: 94) – com a sucessiva reinterpretação do passado, procurando manter a coerência face à situação presente – num processo de Ressocialização (P. Berger e T. Luckmann, 2004).

Assim, foram tidas em conta três dimensões típicas da análise sequencial comparada das nove linhas de vida – a sequência das fases de vida (*Sequencing*); o tempo de cada fase (*Timing*); e a sua duração (*Duration*) (Liao et al. 2022: 2)<sup>4</sup> - em relação a três dimensões específicas – Trajetos Residenciais; Trajetos Ocupacionais; e Trajetos Conjugais - que emergiram como pontos comuns nas entrevistas conduzidas.

---

<sup>4</sup> Numa revisão acerca do passado, presente e futuro da aplicação de *Sequence Analysis* nas Ciências Sociais, os autores apontam estas três dimensões como os critérios elementares à condução de uma análise desta natureza (Liao et al., 2022: 2).

**Figura 5: Exemplo de cronograma de vida.**



**Fonte:** Construção própria (Nunes, 2024: 56).

#### 4. Conclusão: Principais Resultados, Potencialidades e Desafios

As Linhas de Vida são instrumentos de recolha, tratamento e visualização de informação qualitativa que permitem concentrar numa imagem grandes quantidades de informação qualitativa, passível de ser interpretada sociologicamente (Nilsen, 1994). Esta visualização sintética favorece a compreensão da sequência temporal e da interdependência entre eventos e facilita a articulação entre tempos biográficos e contextos históricos. Além de funcionar como suporte à memória e à organização narrativa, este instrumento pode assumir um caráter participativo, ao envolver os/as entrevistados/as no seu preenchimento, promovendo uma maior reflexividade e engajamento com o processo de investigação. A sua versatilidade metodológica permite ainda ser articulada com outras técnicas, como entrevistas em profundidade ou Calendários de Vida, servindo como apoio à análise comparativa entre diferentes perfis e à identificação de momentos-chave nas biografias estudadas.

Contudo, a aplicação das Linhas de Vida comporta também alguns desafios relevantes. A representação gráfica, apesar de útil, tende a simplificar experiências complexas, podendo deixar de fora ambiguidades e nuances importantes dos percursos relatados. Neste quadro, a análise articulada deste instrumento do Método Biográfico com outros

instrumentos transversais às metodologias em Ciências Sociais, em particular a entrevista em profundidade ou biográfica que subjaz a construção de Linhas de Vida, é fundamental (Eichsteller, 2025).

Ainda assim, a construção das Linhas de vida exige alguma capacidade de abstração e reflexão por parte dos/as participantes, o que pode dificultar a sua aplicação em certos contextos, correndo-se o risco de o próprio formato induzir uma organização artificial dos eventos, limitando a espontaneidade das narrativas. No entanto, este não é um desafio inédito e particular das Linhas de Vida, remetendo para a necessidade empírica de equilíbrio entre objetividade e subjetividade no processo de recolha de informação, isto é, de tornar o subjetivo, objetivo e vice-versa (Carmo et al., 2023), um desafio que inerente à natureza epistemológica das metodologias qualitativas, inclusive biográficas. A utilização deste instrumento requer, por isso, uma postura sensível e flexível por parte do/a investigador/a, de modo a evitar uma rigidez metodológica e garantir a interpretação contextualizada dos dados recolhidos. Daí a relevância, no quadro desta experiência de aplicação da técnica das Linhas de Vida, do enquadramento em Estudos de Caso, nos quais são traçados os contextos histórico e social das vidas das entrevistadas, fatores que, inclusive, revelam pertinência ao nível dos resultados obtidos (como veremos adiante).

Por fim, a análise das Linhas de Vida implica também cuidados técnicos, como a definição de escalas temporais e categorias analíticas, que condicionam a comparabilidade entre casos e a profundidade da análise. Tal facto, foi um desafio que se impôs à experiência de aplicação que aqui apresentamos, cuja intenção comparativa reconheceu, desde logo, limitações relacionadas com a natureza da amostra utilizada, designadamente o facto de as mulheres entrevistadas pertencerem a gerações distintas.

Apesar do conceito de Geração não estar consensualizado, este tem sido um termo utilizado nas pesquisas de carácter qualitativo focadas na compreensão dos processos de mudança social “(...) *as collective agents of change*” (Nilsen, 2014: 475). Pertencer a uma geração implica, por isso, uma combinação de fatores comuns, partilhados por diferentes indivíduos, nomeadamente o mesmo ano de nascimento e uma localização comum na dimensão histórica do processo social, esta última englobando uma dimensão física e social (Manheim, 1923 in Nilsen, 2014), sendo que estes fatores – de tempo e de espaço – acabam por ter pesos diferentes na observação da mudança social. Na prática, o conjunto de questões na génese da discussão do conceito de Geração parece ser o mesmo que se coloca na análise das linhas de vida desenhadas na tentativa de identificar os fatores,

individuais e estruturais, por detrás das configurações biográficas e identitárias intra e inter gerações. Uma relação que fica por aprofundar.

Ainda assim, foi possível chegar a algumas constatações através da observação dos diferentes trajetos nas Linhas de Vida construídas<sup>5</sup>, que sugeriram a existência de desencontros, ilustrativos da singularidade identitária, expressa nas vidas das mulheres entrevistadas no que diz respeito, sobretudo, ao tempo (*Timing*) e à duração (*Duration*) das fases correspondentes às trajetórias residenciais, ocupacionais e conjugais. No entanto, existem também alguns pontos de encontro que se replicam na sequência das fases de vida (*Sequencing*) das entrevistadas, através da ocorrência de eventos comuns, sobretudo, associados a mudanças ocorridas no seio da família, seja ela a família de origem ou a família de destino; bem como uma interconexão entre os vários trajetos observados em cada linha de vida, catalisadores das mudanças ocorridas nas vidas individuais.

Por assumir um caráter descritivo e exaustivo de uma realidade social específica, bem como uma abordagem exploratória temática, a experiência de aplicação dos instrumentos do Método Biográfico apresentada, restringe a possibilidade de inferências universalizáveis. Ainda assim, os resultados empíricos obtidos constituem um ponto de partida relevante. Os instrumentos utilizados — as Linhas e Vida e o Cronograma — revelam-se úteis num contexto de pesquisa biográfica e sugerem uma transversalidade entre distintas vertentes da pesquisa biográfica, desde a vertente demográfica, à História Social, ou a antropológica. Esses instrumentos permitem uma aplicação convergente, voltada à sistematização e visualização da informação biográfica comparada — características essenciais à prática científica contemporânea. Embora exijam replicações sistemáticas, atentas e críticas, já configuram aquilo que Thomas e Znaniecki (1927: 1831–1833) descreveram como “*the perfect type of sociological material*”, pois é nas histórias e nas linhas de vida que reside o legado das possibilidades (Nico, 2024).

---

<sup>5</sup> Essas constatações podem ser encontradas em Nunes, 2024.

## **Bibliografia**

Abbott, A. (1995). Sequence analysis: New methods for old ideas. *Annual Review of Sociology*, 21, 93– 113.

Atkinson, R. (1998). *The life story interview*. SAGE Publications, Inc., <https://doi.org/10.4135/9781412986205>

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (1977). Edições 70.

Berger, P., & Luckmann, T. (1991). *The social construction of reality*. Harmondsworth: Penguin Books. Bernardi, L., Huinink, J., & Settersten, R. A. (2019). The life course cube: A tool for studying lives. *Advances in Life Course Research*, 41. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1040260818301850>.

Bernardi, L., Huinink, J., & Settersten, R. A. (2019). The life course cube: A tool for studying lives. *Advances in Life Course Research*, 41. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1040260818301850>.

Bertaux, D. (2021). A utilização das narrativas de vida numa perspetiva socio-etnográfica. *Sociologia on-line*, 27, 11–30. Bourdieu, P. (1986). L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 62-63, 69–72.

Bjerén, G. (Ed.). (1994). *Gender and education in a life perspective: Lessons from Scandinavia*. Avebury. Disponível em <https://archive.org/details/GenderAndEducationInALifePerspectiveLessonsFromScandinavia>.

Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4.ª Edição). Oxford University Press.

Caetano, A. (2013). *Vidas refletidas*. Tese de doutoramento, Iscte-IUL.

Caetano, A. (2013). *Pensar a vida*. Lisboa: Mundos Sociais.

Caetano, A. (2018). O léxico das crises biográficas. *Análise Social*, 226, liii (1.º), 88-111.

Caetano, A., Pereira, A., Correia, S. B., & Nico, M. (2023). *De viva-voz: Ecos biográficos da sociedade portuguesa*. Tinta da China.

Carmo, R. M. do, Caleiras, J., Roque, I., & Assis, R. V. de (2023). *Mundo do trabalho a partir de baixo: Retratos e percursos*. Lisboa: Mundos Sociais.

Eichsteller, M. (2018). There is more than one way – a study of mixed analytical methods in biographical narrative research. *Contemporary Social Science*, 14(3–4), 447–462. <https://doi.org/10.1080/21582041.2017.1417626>.

Elder, G.H., Johnson, M.K., Crosnoe, R. (2003). The Emergence and Development of Life Course Theory. In: Mortimer, J.T., Shanahan, M.J. (eds) *Handbook of the Life Course*. *Handbooks of Sociology and Social Research*. Springer, Boston, MA. [https://doi.org/10.1007/978-0-306-48247-2\\_1](https://doi.org/10.1007/978-0-306-48247-2_1).

Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.

Gomes, R., Cerdeira, L., Teixeira Lopes, J., Vaz, H., Brites, R., Cabrito, B., Machado-Taylor, M. L., Magalhães, D., Patrocínio, T., Peixoto, P., Ganga, R., & Silva, S. (2014). *Retratos Sociológicos: Orientações Gerais*. Disponível em <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.30278.68165>.

Guerreiro, Maria das Dores e Abrantes, Pedro (2007). *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho*

e a família. Estudos, Comissão para a igualdade de género no trabalho e no emprego, Lisboa.

Gutiérrez-García, A. I., Solano-Ruiz, C., Siles-González, J., & Perpiñá-Galvañ, J. (2021). Life histories and lifelines: A methodological symbiosis for the study of female genital mutilation. *International Journal of Qualitative Methods*, 20. Disponível em <https://doi.org/10.1177/16094069211013118>.

Júnior, P. L., & Massi, L. (2015). *Retratos sociológicos: Uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação*. *Ciência & Educação*, 21(3), 559–574. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1516-731320150030003>.

Lahire, B. (2002). *Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais*. ARTMED.

Liao, T. F., Bolano, D., Brzinsky-Fay, C., Cornwell, B., Fasang, A. E., Helske, S., Piccarreta, R., Raab, M., Ritschard, G., Struffolino, E., & Studer, M. (2022). Sequence analysis: Its past, present, and future. *Social Science Research*, 107, 102772. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2022.102772>.

Miller, R. L. (2000). *Researching Life Stories and Family Histories*. London: Sage.

Mills, C. W. (2000 [1959]). *The sociological imagination*. Oxford University Press.

Nico, M. (2011). *Transição Biográfica Inacabada Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspetiva do Curso de Vida*. Tese de doutoramento. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.

Nico, M. (2012). *Viragem e ilusão biográficas: Estratégias metodológicas alternativas para abordar a reflexividade e a temporalidade*. Trabalho apresentado na Secção Teorias e Metodologias, Congresso APS 2012, Porto.

Nilsen, A. (1994). *Life-lines: A methodological approach*. In G. Bjerén & I. Elgqvist-Saltzman (Eds.), *Gender and education in a life perspective: Lessons from Scandinavia* (pp. 15–30). Avebury. Disponível em <https://archive.org/details/GenderAndEducationInALifePerspectiveLessonsFromScandinavia>.

Nilsen, A. (1998). *Jovens para sempre? Uma perspetiva da individualização centrada nos trajetos de vida*. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 27, 59–78.

Nilsen, A., & Brannen, J. (2009). *The use of mixed methods in biographical research*. In A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *The handbook of mixed methods research* (pp. 547–565). Sage.

Nilsen, A., Brannen, J., & Lewis, S. (2013). *Transitions to parenthood in Europe: A comparative life course perspective*. In *Methodological approaches, practices and reflections* (pp. 27–40). Polity Press.

Nilsen, A. (2014). *Cohort and generation: Concepts in studies of social change from a life course perspective*. *Families, Relationships and Societies*, 3(3), 475–479. Disponível em <https://doi.org/10.1332/204674314X14110459685627>.

Nilsen, A. (2023). *Biographical life course research: Studying the biography-history dynamic*. Palgrave Macmillan. Disponível em [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-44717-4\\_7](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-44717-4_7).

Nunes, S. (2024). *O(s) Tempos(s) e o(s) Espaços(s) nas Vidas Femininas. O Caso das Mulheres Residentes na Quinta do Loureiro*. Dissertação de Mestrado. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.

Poirier, J., & Raybaut, S. P. (1995). *Histórias de vida: Teoria e prática*. Celta.

Plummer, K. (2001). 'The Call of Life Stories in Ethnographic Research', in P. Atkinson, A. Coffey, S. Delamont, J. Lofl and, and L. Lofl and (eds), Handbook of Ethnography. London: Sage.

Tabib-Calif, Y., & Lomsky-Feder, E. (2021). Ethnographic Biography: Tracing Paths Across Multiple Times and Spaces. International Journal of Qualitative Methods, 20. <https://doi.org/10.1177/16094069211041431>.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.